

# A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO VERNÁCULO DE PIABAS/CAÉM

Neila Maria Oliveira Santana\*

## 1 INTRODUÇÃO

A Gramática Tradicional (GT) não define de forma satisfatória a indeterminação do sujeito em português. Nela, o conceito desse fenômeno é bastante vago e não deixa claro o que seja realmente o sujeito indeterminado.

Comparando as prescrições da GT e o uso do sujeito indeterminado em diferentes modalidades da língua portuguesa, tanto oral quanto escrita, tanto popular quanto culta, podemos constatar que há uma grande diferença entre o que estas gramáticas prescrevem e o que realmente ocorre no português brasileiro, particularmente o falado. Os pesquisadores deste assunto mostram um quadro de estratégias de indeterminação bem maior do que o apresentado pela GT.

Diante do exposto, pretendemos analisar as diferentes estratégias de indeterminação do sujeito e mostrar que a GT não considera formas já implantadas na fala, como *a gente*, *nós*, *você*, *eles*, dentre outras, e que estão sendo utilizadas também na escrita.

Inicialmente, pretendíamos analisar todos os processos de indeterminação do sujeito encontrados na amostra, porém, reduzimos nossa análise apenas ao uso dos pronomes *nós*, *a gente*, *eles* e *você*.

## 2 A INDETERMINAÇÃO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Verificamos que nas GTs há uma reprodução de apenas duas maneiras de se indeterminar o sujeito em português:

a) ou na terceira do plural:

**Contaram-me**, quando eu era pequenina, a história dunas naufragos, como nós. **Reputavam-no** o maior comilão da cidade.

b) ou na terceira pessoa do singular, com o pronome **se**:

Ainda **se vivia** num mundo de certeza.

**Precisa-se** do carvalho; não **se precisa** do caniço.

Os dois processos de indeterminação podem ainda concorrer num mesmo período:

Na casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.

(CUNHA & CINTRA, 1985, p. 125)

Após a análise de cinco GTs editadas entre 1960 e 1999 observamos que os autores continuam insistindo apenas nas duas maneiras clássicas de abordar a indeterminação. Nelas, o conceito de sujeito indeterminado não difere muito de um autor para outro, sendo este classificado como aquele “que não se nomeia ou por não se querer ou por não se saber fazê-lo” (BECHARA, 1987, p. 200) ou quando é “de impossível identificação”

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia.

(ALMEIDA, 1960, p. 348) ou ainda “por se desconhecer quem executa a ação ou por não haver interesse no seu conhecimento” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 125).

A partir daí, podemos ver que a GT apresenta o conceito de sujeito indeterminado baseando-se, geralmente, em um critério semântico, cabendo apenas aos exemplos demonstrarem as implicações sintáticas que as definições omitem.

Nas gramáticas analisadas, a maioria dos autores apresenta o sujeito indeterminado juntamente com os demais “tipos de sujeito”, sem diferenciá-lo daqueles cuja classificação se pauta pelo critério morfosintático. Apenas Rocha Lima (1992) parte da noção de determinação para definir a indeterminação: “o sujeito ainda pode ser determinado ou indeterminado. É determinado, se identificável na oração – explícita ou implicitamente; indeterminado, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo” (p.235).

No que se refere às formas de indeterminação do sujeito, alguns autores chamam a atenção para o verbo na 3ª pessoa do singular seguido do pronome ‘se’, ela ocorre com verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, diferenciando-se, assim, do que se considera a voz passiva sintética, quando no singular, constituída de verbo transitivo direto na 3ª pessoa mais o pronome ‘se’, como podemos ver no exemplo abaixo:

**Aluga-se** chalé (construção que possuiria sujeito determinado: chalé).

Bechara (1987, p. 200), apesar de indicar que se indetermina o sujeito “de duas maneiras diferentes”, acrescenta a possibilidade de utilizar-se o “verbo na 3ª pessoa do singular (...) sem referência a pessoa determinada”, como em:

**Diz** que eles vão bem.

aludindo, no entanto, ao emprego mais freqüente da 3ª pessoa do plural, e dando as duas construções como equivalentes.

Ao lado disso, Cegalla (1995, p. 297) menciona o uso do infinitivo como outro recurso de indeterminação, exemplificando:

Era penoso **carregar** aqueles fardos enormes.  
É triste **assistir** a estas cenas.

Vemos que a imprecisão das definições vincula-se, entre outras causas, ao fato de a GT eleger como objeto de análise as unidades frasais, sem se estender ao contexto frásico-discursivo. Com isso, deixa de admitir que possam ser considerados indeterminados sujeitos que figurem expressamente na oração, a exemplo dos pronomes pessoais.

### 3 RECURSOS DE INDETERMINAÇÃO

A maioria das GT, arrolando de forma sistemática somente dois recursos indeterminadores do sujeito, ignora outros tantos que vigoram e fluem na língua. A abordagem feita por ela não leva em consideração o português falado e, conseqüentemente, não observa as transformações pelas quais o português tem passado.

O sistema lingüístico do português do Brasil conta ainda com outros recursos de indeterminação que não são citados pela GT. Alguns trabalhos bem mostram, e de maneira semelhante, a característica generalizadora dos indeterminadores e a dependência do contexto para a interpretação destes.

Milanez (1982), por exemplo, computou 12 tipos de recursos indeterminadores para o português, com base no *corpus* do NURC de São Paulo. Ou seja, 10 a mais do que apontam as gramáticas tradicionais. São eles, em ordem decrescente do total de ocorrências: *a gente, se, você, [Ø + 3ª p. sg.], [Ø + 3 p. pl.], a pessoa, [Ø + infinitivo], o indivíduo, o sujeito, eles, eu, o cara.*

Almeida (1992), pesquisando a indeterminação do sujeito no português falado do Rio de Janeiro, identifica várias possibilidades como *eles, você, infinitivo, se, o pessoal, o nego, o camarada, a gente, a galera, os caras, um cara, ninguém* etc., chegando a encontrar um total de 56 indeterminadores na amostra analisada.

Cavalcante (1998) encontra no português oral culto de Fortaleza – PORCUFORT – as seguintes formas: *eu, você, a gente, nós, Ø + verbo na 3ª p. pl[eles]., substantivos genéricos [a/uma pessoa, o/um sujeito, o/um pessoal, as pessoas, o/um cabra, o /um cara], se + infinitivo, se + verbo na 3ª p. sg., Ø + 3ª p. sg..*

Deparamos assim, com diferentes *corpora*, diferentes teorias e metodologias de análise, mas que trazem em comum a marcante característica imprecisa e generalizadora dos indeterminadores, que lhes confere a particularidade de poderem referir indistintamente às pessoas do discurso.

#### 4 METODOLOGIA

A amostra que compõe este trabalho foi feita a partir de 6 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) recolhidas na comunidade rural de Piabas, localizada no município de Caém, na Bahia, e faz parte do *corpus* do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-árido Baiano”, desenvolvido pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Os inquiridos analisados envolvem seis informantes, três do sexo feminino e três do sexo masculino, havendo uma distribuição proporcional de uma entrevista de cada sexo pelas três faixas etárias: Faixa 1 (20 a 40 anos), Faixa 2 (41 a 60 anos) e Faixa 3 (+ 60 anos).

O pressuposto teórico-metodológico deste trabalho baseia-se na sociolinguística variacionista cujo precursor é o linguista norte-americano William Labov. A teoria variacionista considera que a variação é inerente a todo processo lingüístico, não sendo aleatória, mas comandada por restrições lingüísticas e não-lingüísticas. Diante disso, defende-se a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. O estudo da variação sistemática, decorrente dos condicionadores estruturais e sociais, discute a concepção de língua, enquanto sistema heterogêneo, defendida por si mesma, podendo ser estudada na ausência de uma comunidade de fala. A partir dessas considerações, podemos afirmar que o objeto de estudo da sociolinguística e, mais especificamente, da Teoria da Variação, é a fala viva em seu contexto real.

Embora tenhamos um programa computacional de uso específico para o estudo da variação – O VARBRUL – que tem sido o suporte estatístico dos trabalhos desenvolvidos nessa linha de pesquisa, neste trabalho utilizamos apenas o *makecell* (arquivo que compõe o pacote do referido programa), para a contagem e percentual dos dados.

## 5 ANÁLISE DO CORPUS

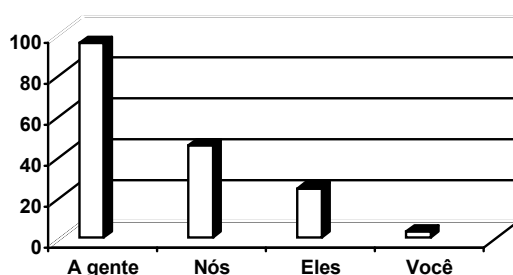
Na análise do *corpus* obtivemos um total de 276 dados. Os indeterminadores produzidos são apresentados na tabela 1, abaixo, em ordem decrescente de uso, associados ao número de ocorrência e ao percentual:

	FORMA	Nº de ocorrências	%
1	a gente	98	36
2	nós	45	16
3	ø 3ª pes. pl.	28	10
4	o/um pessoal	26	9,5
5	eles	24	8,5
6	ø 3ª pes. sg.	13	5
7	todo mundo	12	4
8	a/uma pessoa(s)	14	5
9	o homem	5	2
10	um(s)	4	1,5
11	ø infinitivo	4	1,5
12	você	3	1
	<b>TOTAL</b>	<b>276</b>	<b>100</b>

**Tabela 1: Indeterminadores da amostra.**

Em nossa análise, reduzimos o *corpus* à observação dos pronomes *nós*, *a gente*, *you* e *eles*, visto que são muitas as formas de se indeterminar o sujeito em português.

Após esta redução, contamos com 170 dados, sendo 98 ocorrências de *a gente* (58%), 45 de *nós* (26%), 24 de *eles* (14%) e apenas 3 de *you* (2%). O gráfico 1, abaixo, permite uma melhor visualização da distribuição das variáveis:



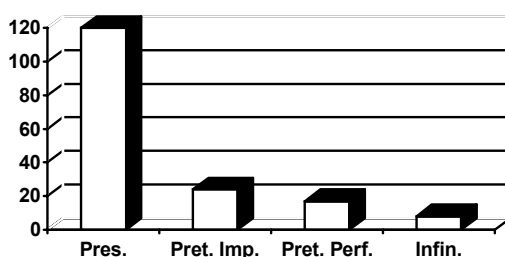
**Gráfico 1: Distribuição das variáveis no vernáculo de Piabas/Caém**

Tendo apresentado os indeterminadores da amostra e o recorte que foi feito na mesma, passaremos agora para uma análise mais detalhada dos fatores lingüísticos e sociais selecionados. Por ser uma análise preliminar de parte do *corpus*, analisaremos apenas o fator lingüístico tempo verbal e dois fatores sociais: sexo e faixa etária.

## 5.1 Fator lingüístico

### 1) Tempo Verbal

Nos dados, o tempo verbal aparece como mostra o gráfico 2:



**Gráfico 2: Distribuição dos tempos verbais na amostra**

O gráfico evidencia a predominância do *presente do indicativo* e mostra que, embora o *pretérito imperfeito* ocupe a 2ª posição como mais usado, há uma acentuada diferença entre eles.

Para um registro mais detalhado da distribuição das variantes por tempos verbais, apontamos a tabela 2 com o número de ocorrências e percentuais das variantes em cada tempo.

TEMPOS VERBAIS	A gente		Nós		Eles		Você	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Presente	65/120	<b>54,2</b>	33/120	<b>27,5</b>	20/120	16,6	2/120	1,7
Pret. Perfeito	11/17	<b>64,7</b>	5/17	<b>29,4</b>	1/17	5,9	0	0
Pret. Imperfeito	14/24	<b>58,3</b>	6/24	25	3/24	12,5	1/24	4,2
Infinitivo	7/8	<b>87,5</b>	1/8	12,5	0	0	0	0

**Tabela 2: Frequência da forma verbal no uso das formas de indeterminação**

Vemos que é com a forma de indeterminação *a gente* que os tempos verbais ocorrem com maior frequência: infinitivo (87,5%), pretérito perfeito (64,7%), pretérito imperfeito (58,3%) e presente (54,2%). O pronome *nós* é mais utilizado com verbos no pretérito perfeito (29,4%) e presente (27,5%), seguido do pretérito imperfeito (25%), sendo o infinitivo o menos utilizado (12,5%).

Nesta análise vemos que o tempo verbal é utilizado com maior frequência nas formas *nós* e *a gente* do que nas formas *eles* e *you* que apresentam menor número de ocorrências.

## 5.2 Fatores Sociais

### 1) Sexo

Em nossa análise temos uma distribuição equilibrada dos dados entre os sexos masculino e feminino. Esses estão distribuídos de acordo com a tabela 3 abaixo:

SEXO	A gente		Nós		Eles		Você	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
Masculino	51/85	<b>60</b>	21/85	24,7	12/85	14,1	1/85	1,2
Feminino	47/85	55,3	24/85	28,2	12/85	14,1	2/85	2,4

**Tabela 3: Uso das formas de indeterminação entre os sexos.**

Vemos que para as formas  *você*  e  *eles*  não há diferença no uso dos homens e das mulheres. Já entre as formas  *nós*  e  *a gente* , existe uma preferência em ambos os sexos pelo uso da segunda forma. Ao analisarmos a forma  *nós* , percebemos que as mulheres usam com maior frequência (28,2%) em relação aos homens (24,7%). Com a forma  *a gente* , ocorre o inverso, os homens a usam mais (60%) do que as mulheres (55,3%).

## 2) Faixa etária

FAIXA ETÁRIA	A gente		Nós		Eles		Você	
	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%	Nº/T	%
1	52/83	<b>62,6</b>	17/83	20,5	13/83	15,7	1/83	1,2
2	42/71	<b>59,1</b>	17/71	24	11/71	15,5	1/71	1,4
3	4/16	25	11/16	<b>68,7</b>	0	0	1/16	6,3

**Tabela 4: Uso das formas de indeterminação nas três faixas etárias.**

A tabela 4 mostra que há uma distribuição equilibrada dos dados entre os informantes das faixas 1 e 2. O que não ocorre com a faixa 3, talvez pela pequena quantidade de dados. Nas duas primeiras faixas, há uma grande tendência em relação ao uso da forma  *a gente*  (62,6%, na faixa 1 e 59,1%, na faixa 2). Já na faixa 3, há uma preferência para o uso da forma  *nós*  (68,7%) e é este o recurso de indeterminação mais utilizado de todo o  *corpus* .

Observamos que o indeterminador  *eles*  não aparece na faixa 3, ocorrendo nas faixas 1 e 2 com a mesma frequência. Em relação ao pronome  *você* , o que menos aparece na amostra, encontramos apenas uma ocorrência para cada faixa, o que é pouco para uma análise expressiva.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos basicamente que a indeterminação pronominal do sujeito, especialmente quando expressa pelas formas  *nós* ,  *a gente* ,  *você*  e  *eles* , mostrou-se um fenômeno sensível a condicionamentos lingüísticos e sociais. Percebemos que a variação de  *nós*  e  *a gente*  também se dá quando os pronomes são indeterminados, havendo porém contextos que propiciam a escolha de uma e não de outra forma.

Os resultados a que chegamos constituem uma análise prévia de um material vasto, que ainda oferece diversas frentes. Além de precisar com maior rigor os conceitos teóricos, sabemos que é necessário aprofundar a análise através de fatores que reflitam características próprias ao discurso.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Maria. Lúcia. Leitão. de. **Sujeito indeterminado na fala**. 1992. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, Napoleão. Mendes. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 11 ed. São Paulo: Edições Saraiva, 1960.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1987.

CAVALCANTE, Vilma Maria Reis. **A indeterminação do sujeito no português oral culto de Fortaleza – CE**. 1998. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática portuguesa**. 38. ed. São Paulo: Nacional, 1995.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luis Felipe L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LABOV, William. **The social stratification of english in New York city**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1992

